

3 Fórum, Linguagem e Comunicação

3.1 Introdução

O valor do enunciado não é determinado pela língua, como sistema puramente lingüístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com o sujeito falante e com outros enunciados que, por assim dizer, são verdadeiros, falsos, belos...

Bakhtin (*apud* Jobin e Souza, 1994:102)

Na história da comunicação humana, o papel da linguagem tem merecido a atenção de pesquisadores oriundos de diversos campos, desde antropólogos e biólogos até sociólogos, filósofos e psicólogos, cada um privilegiando o enfoque e as características mais pertinentes as suas áreas de interesse.

Freitas (1994) lembra que Vygotsky não via a linguagem como um sistema lingüístico de estrutura abstrata, mas em seu aspecto funcional, psicológico, decorrente da influência social na formação do pensamento humano; em outras palavras, a linguagem como *constituidora do sujeito*. No enfoque Vygotskyano, a linguagem tem papel primordial no desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores – a consciência. O conteúdo das experiências e do conhecimento acumulados pelos seres humanos reflete-se nas formas verbais de comunicação entre os indivíduos. Assim, a interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados dá-se, principalmente, através da linguagem, o que implica na influência social sobre o desenvolvimento dos processos mentais dos indivíduos.

Ao mesmo tempo em que a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, organizando e planejando o pensamento, ela tem também uma função social e comunicativa, pois é através dela que a criança adquire conceitos sobre o mundo, apropriando-se da cultura e da experiência acumulada pela comunidade onde está inserida. Entretanto, para que essa apropriação efetivamente ocorra, é preciso que haja a prevalência do *sentido* sobre o *significado*; em outras palavras, o sentido das palavras emerge do contexto onde elas se realizam, e da forma como cada indivíduo combina e interpreta tais sentidos mentalmente. A linguagem serve, pois, tanto às funções cognitivas

quanto às sociais, pois é através dela que a criança, apropriando-se das tradições e da cultura da comunidade, vai construindo sua própria identidade.

As funções cognitivas e sociais da linguagem constantes dos trabalhos de Vygotsky estão também presentes nos estudos funcionalistas. Para Halliday & Hasan (1989), por exemplo, a linguagem é vista como um aspecto particular da experiência humana, ou seja, da estrutura social. Halliday (1994:xiii) argumenta que “a linguagem verbal tem evoluído de forma a se adequar às necessidades humanas; e a maneira como se organiza é funcional no que concerne a essas necessidades; em outras palavras, não é arbitrária”⁸. A abordagem funcionalista busca, por conseguinte, investigar os fatos lingüísticos a partir de sua *função de comunicação*, levando também em conta a relação texto-contexto, considerada como fundamental para a construção de significados.

Brown & Yule (1983) e Chimombo & Roseberry (1998), sob um enfoque lingüístico e pragmático, reforçam a importância do contexto na interpretação dos enunciados e da linguagem como guia para esta interpretação. Os estudos empreendidos por esses autores serão utilizados como subsídio para a investigação do fórum quanto ao desenvolvimento do fluxo de tópico, com vistas ao entendimento sobre como se dá a construção do conhecimento no ambiente virtual, através e no uso da linguagem.

Para tal, neste capítulo procuro definir o fórum como meio de comunicação, traçando um esboço dos desdobramentos dos estudos em análise sociointeracional do discurso (Gumperz, 1982; Goffman, 1974, 1983) e etnografia da comunicação (Hymes, 1972) que possam dar conta das peculiaridades do espaço virtual. Da mesma forma, abordo brevemente as investigações ligadas aos estudos de gênero. Embora este estudo não tenha a natureza de um estudo de gênero, propus-me a discorrer sobre as características lingüísticas do fórum discutindo sua possível classificação como gênero emergente ou apenas como nova forma de comunicação. Nessa perspectiva, valho-me das definições de gênero de Swales (1990), Bhatia (1993), Erickson (2000:2) e Marcuschi (2002:9).

O presente capítulo aborda, portanto, o fórum sob diferentes olhares, buscando caracterizar a linguagem que o constitui e o seu papel na comunicação humana.

⁸ “Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs – it is not arbitrary” (Halliday, 1994:xiii; tradução da autora).

3.2 A Linguagem do Fórum

Estando o fórum de discussão objeto deste estudo diretamente ligado ao processo de ensino e aprendizagem que ocorre dentro de uma sala de aula universitária, dispus-me a analisar a linguagem em uso levando em consideração a relação texto-contexto, inexorável ao processo de construção de sentido, dentro de um arcabouço sociointeracionista.

Primeiramente, detenho-me brevemente sobre a noção de *função* na Lingüística, visto que ela representa o principal esteio do funcionalismo. Segundo definição de Crystal (2000:123), função pode significar “o papel da língua no contexto da sociedade e do indivíduo”, implicando que a língua serve a determinadas funções ou propósitos tais como transmitir informações, expressar opiniões, fazer reivindicações, entre outros.

A noção de função assim definida já estava presente nos estudos de Vygotsky (1984) sobre a relação pensamento-linguagem. O autor, ao estudar as modificações que ocorrem ao longo do crescimento da criança, observou que, enquanto nas crianças pequenas o pensamento prescindia da linguagem, os primeiros balbucios tinham como objetivo atrair a atenção do adulto, caracterizando assim a função social da fala desde a mais tenra idade. Posteriormente, observou que por volta dos dois anos, surge um novo tipo de organização lingüístico-cognitiva: o pensamento torna-se verbal, e a linguagem racional. A partir daí, a criança começa a perceber o propósito da fala, e que cada coisa tem um nome. A fala começa a servir ao intelecto e o pensamento começa a ser verbalizado. Deste momento em diante, a criança passa a sentir a necessidade das palavras, tenta aprender os signos: é a descoberta da função simbólica das palavras, que passam a estar associadas a determinados significados.

Na perspectiva funcionalista (Jakobson, 1969; Halliday, 1994), os sentidos são em princípio construídos na intenção da comunicação, que determina o perfil da mensagem e a função da linguagem que predomina na interação. Por exemplo, Jakobson reconhece a multifuncionalidade da linguagem na articulação de seis funções na situação comunicativa – referencial, emotiva, conativa, fática, metalingüística e poética; no entanto, devido à necessidade de adequar a linguagem não só ao interlocutor mas também ao contexto onde ela se desenvolve,

reconhece também que diferentes funções podem predominar discursivamente, dependendo do evento comunicativo. Por exemplo, o emissor pode conjugar a transmissão da informação – função referencial – com sua própria atitude – função emotiva – estando ao mesmo tempo preocupado com a manutenção da atenção do interlocutor sobre o conteúdo da mensagem – função fática. Os estudos de Jakobson também reservam lugar especial para a função poética, pois dela resulta o efeito ou consequência que a mensagem terá sobre o interlocutor.

A exemplo de Jakobson, Halliday (1994) também vê a linguagem como um meio para atingir propósitos, servindo a diferentes necessidades. Sob a perspectiva Hallidaydiana, a linguagem se organiza em torno de dois sistemas: o lingüístico, que objetiva descrever como a língua é usada, seus componentes funcionais e a importância de cada elemento lingüístico com relação a sua função; e o sistema de dados do contexto social, que leva em consideração aspectos do contexto de uso em que uma determinada língua é empregada. Os dados desses dois sistemas estão organizados em subsistemas que permitem aos falantes escolher como os significados serão expressos. Durante o processo de comunicação os sentidos vão então sendo *construídos* entre os participantes da interação através da e na linguagem. Para tanto, o *contexto de situação* é fundamental, pois fornece aos participantes de uma interação grande parte das informações sobre os significados que estão sendo negociados naquele evento específico. Variáveis como os papéis dos participantes, seus propósitos e objetivos podem diretamente afetar a estrutura e o tipo de texto produzido, refletindo-se na interpretação do contexto social, isto é, no cenário onde os significados são trocados. A idéia da influência do *contexto social*, já existente nos estudos de Jakobson, somam-se também elementos constituintes do *contexto cultural*, tais como o sistema de valores e a ideologia de cada cultura os quais remetem não somente ao ambiente imediato onde se desenvolvem as interações mas também à toda a bagagem cultural dos participantes.

Na análise comunicativa da linguagem, Halliday & Hasan (1989) restringem-se a três funções básicas: a *ideacional* → similar à referencial de Jakobson, como representação da realidade; a *interpessoal* → abrangendo as funções emotiva e conativa de Jakobson, privilegiando o aspecto social; e a *textual* → não prevista por Jakobson – estabelecendo relações entre as orações

produzidas; trata-se da criação do texto e do seu conseqüente reconhecimento pelos participantes.

Tanto Jakobson quanto Halliday enfatizam a interposição das funções da linguagem em uma situação comunicativa, não sendo possível classificar-se uma palavra ou sentença somente sob um determinado aspecto. É, portanto, a relação entre todos os elementos que resultará na construção do sentido para uma determinada interação.

Embora alguns lingüistas (Bennett, 1976; Lyons, 1977) vejam a comunicação da informação como a mais relevante função da linguagem, privilegiando assim o aspecto ideacional, sociólogos e sociolingüistas (Labov, 1972; Lakoff, 1973; Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974; Brown & Levinson, 1978) estão mais interessados na função interpessoal da linguagem, ou seja, sua utilização na negociação de papéis sociais, no estabelecimento de um chão comum, na troca de turnos, em atos de fala, ou na preservação da face dos participantes. Por conveniência analítica, Brown & Yule (1983) adotam somente dois termos – *transacional* e *interacional* – na descrição das principais funções da linguagem, salientando porém ser bastante improvável que, em qualquer ocasião, um enunciado seja utilizado para preencher somente uma função, com total exclusão da outra. A função transacional – semelhante à ideacional – relaciona-se com o conteúdo da mensagem, privilegiando a comunicação da informação; a função interacional utiliza-se da linguagem para estabelecer e manter relações sociais.

Quanto à noção de contexto, presente em Halliday (1994) dentro de uma visão sistêmico-funcional da linguagem, ou seja, objetivando a descrição do sistema e as formas pelas quais esse sistema se relaciona com os textos, Brown & Yule (1983) têm um olhar mais pragmático: estão preocupados com o quê os falantes estão fazendo com a linguagem, procurando investigar as características lingüísticas do discurso como um elemento empregado nas suas atividades de vida. Nessa perspectiva, não se atêm às relações existentes entre as sentenças ou frases empregadas no discurso, mas buscam identificar os interactantes, as circunstâncias em que o discurso foi produzido e por que foi produzido.

O lingüista – ou, mais precisamente, o analista do discurso – deve ser capaz de perceber quais as características contextuais realmente relevantes ao ato comunicativo sob análise, e que contribuirão para a interpretação do enunciado.

Para tanto, precisa selecionar quais aspectos levar em conta na interpretação do discurso, ou seja, de que princípios de interpretação⁹ o ouvinte dispõe, pois são estes princípios que gerarão as expectativas dos interactantes no que tange à coerência do enunciado. Ao discorrer sobre gêneros textuais, por exemplo, Brown & Yule (1983) sustentam que, embora a linguagem seja utilizada, em princípio, com intuito transacional, é possível encontrar gêneros cujo propósito primário não é o de informar, mas o de manter relações sociais – como cartas de agradecimento, cartas de amor, jogos do tipo “verdade e consequência”, entre outros.

Para Chimombo & Roseberry (1998), a linguagem é uma das dimensões do *discurso*, definido como “um processo que resulta em um ato comunicativo”¹⁰ (p.ix). A linguagem, como elemento constitutivo do contexto, e o próprio contexto contêm elementos cuja interação permite que o falante produza um determinado texto. Os autores vêem o discurso, portanto, como um processo interacional, onde o texto representa o produto final do processo. Ao longo das interações, o sentido dos enunciados vai então sendo construído, enquanto os participantes – *produtor e intérprete*, como preferem os autores – mantêm expectativas sobre o que vem a seguir com base no *intertexto*, como é denominado o conhecimento proveniente de experiência anterior com textos similares, sob situações semelhantes (p.68). No processo de interpretação dos enunciados, são os fatores culturais e situacionais que determinarão a aceitabilidade, a adequação e a gramaticalidade do discurso. O conjunto desses elementos – o CONtexto, acrescentam os autores – influi diretamente sobre o texto, o qual – seja ele oral, escrito ou composto por sinais – é visto ao mesmo tempo como processo e produto, pois resulta das interações entre os participantes do evento onde subliminarmente está presente o contexto.

Fatores contextuais como cenário, canal, relação entre os participantes, propósito e tópico têm papel relevante no processo interacional, relacionando-se diretamente com os temas que ali se desenvolvem. No presente estudo, optei por

⁹ *Princípio de Interpretação Local*: interpreta cada índice lingüístico conforme o contexto onde está inserido. *Princípio de Analogia*: interpreta cada índice lingüístico em relação a outros que tenham acontecido anteriormente (Brown & Yule, 1983; Chimombo & Rosenberg, 1998).

¹⁰ “Discourse is a process resulting in a communicative act” (Chimombo & Roseberry, 1998:ix; tradução da autora).

analisar o fórum de discussão segundo o fluxo de tópico. Para tanto, utilizei-me das definições de Brown & Yule (1983), replicadas e desenvolvidas por Chimombo & Roseberry (1998).

Brown & Yule (1983) vêem o texto como uma sucessão de idéias, ou composto de fragmentos de discurso, interligados por marcadores que delimitam as fronteiras de cada fragmento, sinalizando assim mudanças de tópico; em outras palavras, deixa-se de falar “sobre alguma coisa” e passa-se a falar “sobre outra coisa”. Para os autores, o tópico não é necessariamente identificável como parte das sentenças; ele pode advir de uma proposição decorrente do conteúdo do texto, à qual somam-se o conhecimento extralingüístico dos participantes com relação ao contexto onde o texto está se desenvolvendo.

Na análise de um texto, seja ele oral ou escrito, os tópicos se sucedem naturalmente, usualmente interligados por marcadores de forma mais ou menos coerente. Os marcadores podem variar desde mudanças de parágrafo até expressões adverbiais de tempo ou de modo, ou mesmo tipos de construções sintáticas – como reduzidas de gerúndio ou de participio, por exemplo.

Ao longo das interações, a sucessão dos tópicos levantados pelos participantes gera uma espécie de roteiro do discurso, um mapa das trocas ocorridas no cenário, usualmente conhecido por *fluxo de tópico*. Chimombo & Roseberry (1998) acrescentam que, em um texto bem estruturado, os elementos seguem o que van Dijk (*apud* Chimombo & Roseberry, 1998:92) chama de *seqüência natural*, onde espera-se que certos elementos apareçam antes de outros – do geral para o particular, ou do coletivo para o particular, por exemplo. Chimombo & Roseberry salientam, entretanto, que diferentes intérpretes podem chegar a resultados distintos, ou mesmo a diferentes conceitos sobre o tópico. Acrescentam, ainda, que textos não têm tópico, sendo portanto mais correto falar sobre o tópico de um falante ou sobre o tópico de um intérprete. Esse entendimento sobre o tópico e sua função discursiva será utilizado neste trabalho.

3.3 **O fórum como evento comunicativo**

Para definir o fórum como meio de comunicação, procuro primeiramente traçar um esboço dos desdobramentos desenvolvidos dentro dos estudos da

linguagem, tanto em análise do discurso quanto no que diz respeito à etnografia da comunicação. Em seguida, abordo os estudos de gênero, discutindo algumas características do fórum que podem sinalizar uma possível classificação desse espaço como gênero emergente dentro das tecnologias da informação.

Os estudos sociolingüísticos.

Na área dos estudos da linguagem, verificou-se a necessidade de criar linhas de pesquisa que levassem em consideração as especificidades inerentes aos grupos humanos onde a interação se realiza – os estudos sociolingüísticos. Fatores como o ambiente e a cultura interagem diretamente com o processo de comunicação, gerando regras e comportamentos que se projetam nas atitudes dos falantes, na entoação, na expressão paralingüística, bem como no fluxo de tópico.

A ênfase antropológica não significa um descaso para com estudos lingüísticos tradicionais, porquanto lingüistas e sociolingüistas lidam com a forma da língua, mas sob perspectivas diferentes. Como Hymes (In Gumperz & Hymes, 1972:37) coloca, “Um signo lingüístico representa uma relação entre a forma e o valor lingüístico. Um traço sociolingüístico representa uma relação entre a forma e o valor sociolingüístico”¹¹.

O crescente interesse dos pesquisadores pelas peculiaridades que caracterizam a comunicação verbal entre comunidades específicas fez com que a expressão *etnografia da comunicação* começasse a tomar corpo, fundamentada em um número considerável de estudos empreendidos na área. A observação das diferenças lingüísticas existentes entre grupos humanos, inclusive aqueles inseridos dentro na mesma sociedade, falantes da mesma língua, levou à investigação de fatores como a experiência educacional, o conhecimento, a transmissão de crenças e tradições, os valores e as práticas sociais que constituem a herança cultural de cada comunidade.

Diversas linhas de estudo surgiram dentro da sociolingüística a qual, por sua característica multidisciplinar, atraiu a atenção de estudiosos quanto ao desenvolvimento de modelos, ou teorias, que dessem conta das especificidades envolvidas na interação entre a linguagem e a prática social. Sociólogos e antropólogos, como D. Hymes (1972), J. Habermas (1981), J. Gumperz (1982) e

¹¹ “A linguistic sign is a relation between linguistic form and a linguistic value. A sociolinguistic feature is a relation between a form and a sociolinguistic value” (Hymes, 1972:39) (tradução da autora).

E. Goffman (1967, 1974, 1983), interessados nos aspectos sociais dos processos comunicativos; filósofos da linguagem como L. Wittgenstein (1975) e J.L. Austin (1990); H.P. Grice (1975) e P. Burke (1995), dedicados aos princípios e às convenções que regem os atos de fala, ou mesmo J. Searle (1969) e G. Lakoff (1973), preocupados com as regras de competência pragmática subjacentes ao uso social da linguagem, engajaram-se nesta linha de pesquisa.

Na área da Sociolinguística Interacional, estudiosos como Gumperz (1982) privilegiam as interações que ocorrem entre participantes de pequenos grupos de comunidades específicas, abrangendo quaisquer tipos de eventos de fala, desde espontâneos – como uma conversa entre amigos – até gêneros institucionais como uma consulta médica, uma conferência ou uma reunião de negócios, buscando compreender, através da análise da conversação, como as unidades linguísticas funcionam nas interações, através da análise do tópico, da estrutura de participação, da utilização de elementos orais e escritos, das estratégias de envolvimento ou distanciamento observadas ao longo dos eventos comunicativos. Gumperz (1982), especificamente, destaca a importância da comunicação no exercício do poder, bem como na produção e reprodução da identidade social.

Para entender a influência do contexto social na constituição das identidades é necessário, portanto, observar o que está ocorrendo linguisticamente. Diversos estudos e dissertações têm seguido esta linha de pesquisa, através da análise linguística nas interações que ocorrem, por exemplo, em artigos jornalísticos e acadêmicos (Pereira e Bastos, 1995); em reuniões empresariais (Pereira, 1998); em encontros de serviço via telefone (Pereira, 2001); em atendimento de check-in de companhia aérea (Almeida, 2002), dentre outros. Tais estudos buscam entender como as práticas comunicativas são influenciadas pelas forças políticas e econômicas e por relações de poder, assim como defendem que as referências e identidades sociais são construídas através das interações.

Assim, a linguagem é considerada como um sistema simbólico construído social e culturalmente, refletindo os significados construídos pelo grupo. Dessa forma, a comunicação não pode ser estudada de forma isolada nem deve ser vista apenas a partir de elementos estruturais. A comunicação constitui-se como uma atividade social, que deve ser estudada pragmaticamente, ou seja, dentro do contexto e das circunstâncias onde se realiza e levando-se em consideração fatores como as expectativas dos participantes e suas inferências individuais sobre o que

está ocorrendo, visando a avaliação das intenções dos interlocutores e da elaboração das próprias respostas durante o evento comunicativo. Até mesmo o silêncio porta significado em uma situação de interação, pois a participação não se restringe apenas a manifestações visíveis de envolvimento. Tannen (1989) considera que a simples habilidade auditiva pode também significar participação, pois o processo exige interpretação e reflexão por parte de quem está ouvindo, com vistas à construção de sentido.

Dentre as razões para a participação silenciosa pode estar o desejo de preservar a própria *face*, conceito desenvolvido por Goffman (In Figueira, 1980) significando não somente semblante ou aparência, mas também implicando em dignidade, auto-respeito, prestígio. Na tentativa de preservação da *face*, o indivíduo pode optar pelo silêncio, evitando contatos nos quais poderia existir a ocorrência de ameaças à própria *face*, seja por meio de quebras do tópico nomeado seja por simples medo de expor suas idéias.

Goffman (In Figueira, 1980) vê toda interação como um ritual comunicativo, onde os participantes envolvidos seguem regras de fala que consistem de unidades demarcadas. Marcuschi (2001:53) também remete a Goffman ao lembrar do caráter dialógico da linguagem, onde o par atua como princípio fundamental; em outras palavras, uma conversação é normalmente representada por perguntas e respostas, ou então asserções e réplicas. Marcuschi acrescenta que uma conversação é usualmente estruturada em três seções, correspondendo a uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento. No caso do fórum, embora a alternância de mensagens e as constantes elipses possam assemelhá-lo a uma conversação mais formal, as características assíncronas da modalidade escrita podem estar tendo maior influência no desenvolvimento das interações que ali ocorrem.

Nessa mesma perspectiva, Hymes (1972) sustenta que os membros de uma sociedade reconhecem as rotinas comunicativas, que são caracterizadas por regras de discurso específicas no que diz respeito à determinação dos tópicos pelo falante, às escolhas lingüísticas e à adequabilidade aos outros elementos da interação. Por exemplo, Pinheiro Bastos (In Pereira, 2002) destaca a construção do estilo discursivo de liderança gerencial instrutivo e a sua função em reuniões empresariais, apontando para os alinhamentos do líder para com o ouvinte na tentativa de influenciar o outro a agir segundo as instruções dadas.

Com base na descrição de eventos de fala observados em comunidades com características sociais e culturais distintas, em contextos variados, Hymes (1972) propôs um modelo de etnografia da comunicação que reúne, sob o acrônimo SPEAKING – os componentes necessários para a avaliação de um evento comunicativo, quais sejam o cenário, os participantes, o propósito, o conteúdo ou atos de fala, o tom, o canal, as normas interacionais e o gênero.

Ao incluir o gênero no modelo etnográfico da comunicação, Hymes (1972) busca identificar características formais tradicionalmente reconhecidas, e que possam sinalizar para o propósito de um evento específico. A determinação do gênero de um texto fornece informação, através do intertexto, acerca de outros textos do mesmo gênero. O reconhecimento da seqüência de *movimentos*¹² que caracteriza um determinado gênero facilita a compreensão do texto, pois gera no leitor expectativas acerca do que esperar, ou do que vem a seguir. Henry and Roseberry (*apud* Chimombo & Roseberry, 1998:80) verificaram que o conhecimento da estrutura de movimentos de um determinado gênero permitia que aprendizes de uma segunda língua aperfeiçoassem a habilidade textual na produção escrita; em outras palavras, os alunos eram capazes de encadear as informações constantes do texto de forma mais efetiva. Procuro, então, situar o fórum dentro dos estudos de gênero.

A questão do gênero

O conceito de gênero implica algumas diferenças de interpretação, dependendo do enfoque do pesquisador. Swales (1990) usa a palavra “escorregadia” ao referir-se à própria palavra *gênero*, recorrendo à metáfora para explicar a dificuldade de definição do termo. Ao abordar a concepção lingüística de gênero, lista diferentes perspectivas existentes na área, inclusive distinguindo entre *gênero* – representando textos estruturados como trabalhos de pesquisa e relatórios comerciais, por exemplo – e *registro* (linguagem de relatos científicos, linguagem de periódicos, linguagem burocrática), representando escolhas estilísticas mais generalizadas. Por último, sintetiza sua visão de gênero classificando-a como “uma classe de eventos comunicativos, cujos membros partilham um conjunto de propósitos comunicativos, identificados e mutuamente aceitos pelos membros de uma comunidade acadêmica ou profissional onde ela se

¹² A seqüência de movimentos de um texto define o propósito do gênero (Swales, *apud* Chimombo & Roseberry, 1998:79).

desenvolve” (p.58). Bhatia (1993), na análise teórica dos gêneros, remete às diversas linhas de estudo existentes comparando-as a um conjunto de caixas chinesas, que se adaptam umas às outras conforme a área de interesse envolvida. Muitos desses estudos são importantes devido à associação que fazem entre determinadas características específicas da linguagem com certos tipos de escrita ou estilos, embora muito poucos distingam entre registro e gênero.

Referindo-se às pesquisas empreendidas por Swales (1990) ao longo de quarenta e oito introduções de artigos de pesquisa pinçados dentre quatorze periódicos sobre os mais variados assuntos científicos, Bhatia (1993) reporta constatação daquele autor de que “uma introdução de um corpus de pesquisa científica é um exemplo tão bom de gênero quanto o é um de psicologia ou sociologia”¹³ (p.18), significando que a caracterização do gênero independe da área que o texto esteja contemplando em termos de conteúdo. É óbvio, contudo, que, na construção do seu conceito de gênero, Swales (1990) partiu da noção de *comunidades de discurso*, cujos membros participam de uma mesma cultura e partilham vivências, pois mantêm objetivos comuns, comunicam-se uns com os outros, e se utilizam de mecanismos conhecidos pelo grupo com o propósito de prover informações e conhecimentos compartilhados.

A cultura eletrônica tem também favorecido o surgimento de novos gêneros e de novas formas de comunicação, afetando diretamente a linguagem. Coscarelli (2002) reconhece a complexidade da classificação dos novos textos que surgem especialmente em decorrência do uso da internet, onde é preciso repensar o sentido da palavra *texto* de forma a incluir a idéia de hipertexto – contando ou podendo contar com a presença de imagens, ícones, sons e animações. A autora sustenta, todavia, que embora os aspectos formais sejam afetados pelo tipo de tecnologia utilizada, o texto permanece como um produto de uma situação de comunicação; o que se altera, portanto, são as formas de manifestação, gerando assim novos gêneros textuais em função de novas interfaces criadas.

Marcuschi (2002:9) analisou as características de um conjunto de gêneros textuais que estão emergindo do ambiente digital. Segundo o autor, os poucos gêneros caracterizados na mídia virtual já suscitam polêmicas relativas à extensão do seu impacto na linguagem e na vida social. Dentre os aspectos relevantes para

¹³ “a research article introduction in science is as good an example of this genre as is the one from psychology or sociology.” (Bhatia, 1993:18; tradução da autora)

a análise dos gêneros, destaca o uso cada vez mais generalizado e a existência de novas peculiaridades apesar de se assemelharem a gêneros já existentes. O autor ressalta que “novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes” (2002:20), referindo-se ao *hibridismo* que caracteriza os gêneros emergentes na mídia virtual, onde a relação entre a oralidade e a escrita é passível de redefinição. Seria então o fórum um novo gênero textual híbrido, ou apenas mídia de suporte para gêneros já existentes, passíveis de ocorrência em outro ambiente?

Sob os aspectos discriminados por Marcuschi (2002), o fórum pode ser caracterizado como um meio de comunicação escrito, monitorado, com temas pré-estabelecidos e com capacidade automática de arquivamento das mensagens. A Tabela 2 mostra essa caracterização:

Tabela 2 – Caracterizando o Fórum

Dimensão	Aspecto do Gênero
Relação temporal	assíncrono
Duração	limitada
Extensão do texto	curta
Formato textual	estrutura fixa
Participantes	grupo fechado
Relação dos participantes	conhecidos
Troca de Falantes	inexistente
Função	ideacional ou interpessoal
Tema	combinado
Estilo	monitorado
Canal/Semioses	puro texto escrito
Recuperação de mensagem	gravação automática

Em sua pesquisa por contrapartes em gêneros pré-existentes para os gêneros textuais emergentes na mídia virtual, Marcuschi (2002:16) cita as circulares – ou séries de circulares – como o gênero mais próximo das listas de discussão. Devido às similaridades entre a lista e o fórum, essa classificação poderia também se estender a este último, já que o fórum, veiculando informações destinadas ao

grupo, poderia também ser caracterizado como uma circular. Não obstante, no aspecto funcional, o fórum comporta-se de forma diferente de uma circular pois, enquanto esta veicula comunicação de *um-para-muitos* – vide capítulo 2, página 23 – o fórum insere-se na categoria *grupo comunicativo* – muitos-para-muitos, caracterizando-se mais como um diálogo que se desenvolve dentro de um grupo específico. A configuração dialógica do fórum poderia remeter à definição de gênero de Swales (1990), pela qual o gênero se desenvolve em uma comunidade de discurso.

Já Erickson (1997) dá ênfase às práticas discursivas que se desenvolvem em interações via Internet – que ele prefere chamar de *discurso on-line*. O autor vê as interações como exemplos de um gênero, e não como instâncias desenvolvidas dentro de uma comunidade de discurso. Sob esse prisma, considera que a visão de Swales (1990) enfraquece a concepção das comunidades de discurso pois, sob esse aspecto, elas funcionariam mais como um suporte para conversações do que com propósito próprio. No seu entendimento, uma comunidade virtual envolve noções de estímulo e compromisso, o que freqüentemente não se adequa à idéia de discurso on-line. Ao sugerir a utilização do conceito de gênero na análise e compreensão do discurso on-line, salienta que essa análise muda o foco sobre questões tais como a natureza e o grau de relacionamento entre “membros da comunidade” para o propósito da comunicação, suas regularidades de forma e substância, bem como as forças institucionais, sociais e tecnológicas subjacentes àquelas regularidades (p.1). No discurso on-line, acrescenta, o importante é a comunicação por si mesma, acima de qualquer vínculo real ou possível entre os participantes. Assim, a análise de gênero pode ser útil pois move o foco dos participantes e das relações existentes entre eles para o artefato compartilhado (isto é, as instâncias de gênero, como por exemplo salas de bate-papo virtual). Em suma, enquanto Swales entende que o gênero decorre do tipo de práticas discursivas que se desenvolvem numa comunidade de discurso, Erickson privilegia a comunicação *per se*.

Procurando identificar algumas características que apontassem para a possibilidade do fórum constituir-se em um gênero específico, remeto-me a Halliday (1994) para discutir a questão da escrita versus oralidade. O autor sustenta que, enquanto a primeira é mais complexa em termos de densidade

lexical, a segunda é mais rica quanto à complexidade gramatical¹⁴. Por outro lado, Kern (2000) argumenta que, embora a escrita possa conter um maior número de orações intrincadas, a versão oral envolve maior grau de coordenação sintática. Já Chafe (*apud* Kern, 2000:26) ressalta que a escrita tende a ser mais integrada e menos fragmentada do que a oral, com a inclusão de estruturas lexicais e sintáticas tais como nominalizações, adjetivos atributivos, participios, construções passivas e orações preposicionadas, além de várias formas de subordinação. Em contrapartida, o autor lembra que a versão oral é caracterizada por ocorrências tais como o uso freqüente da primeira pessoa, de expressões coloquiais, de partículas enfáticas e de endereçamento direto, dentre outras.

Ao identificar algumas dimensões de variação lingüística entre textos orais e escritos em inglês, Biber (1988) constatou a impossibilidade de claramente distinguir o texto escrito do oral; para ele, as duas versões se confundem, ora privilegiando os elementos orais, ora os escritos, dependendo das diferentes restrições cognitivas que estejam atuando sobre os falantes e/ou escritores. Da mesma forma que Halliday (1994) e Chafe (*apud* Kern, 2000:26), Biber (1988) considera as relações entre as duas modalidades bastante complexas, estando diretamente associadas a uma ampla variedade de considerações situacionais e funcionais.

É importante lembrar, ainda, que a oralidade e a escrita são práticas sociais, não podendo ser tratadas de forma dicotômica; portanto, as características de cada modalidade são diretamente influenciadas pelas circunstâncias em que a linguagem ocorre, onde fatores como o propósito da mensagem, a relação entre os participantes, ou mesmo a modalidade temporal da mídia – no caso, o fórum assíncrono – são elementos de suma relevância na análise do gênero. Nessa análise, é necessário ter em mente o que Kress (1989) define como *gênero*. Para ele, trata-se de um evento social cujos traços e estruturas têm efeito sobre o texto. O autor sustenta que os eventos ocorrem de acordo com as convenções, relacionando-se, por sua vez, com as formas convencionalizadas nos textos, isto é, os gêneros. Nessa perspectiva, os gêneros derivam das funções e dos propósitos e significados negociados em situações sociais. Já o *registro* é definido pelos aspectos situacional e semântico da língua, representando a função – e a variação

¹⁴ “the written version is more complex in terms of lexical density, while the spoken version is more complex in terms of grammatical intricacy.” (Halliday, 1994:351; tradução da autora)

desta – e sendo determinado pelo objetivo da fala. Em outras palavras, enquanto *gênero* envolve as características socioculturais e lingüísticas do texto, privilegiando o propósito comunicativo, o *registro* está mais associado às escolhas léxico-gramaticais em decorrência da atividade social desenvolvida (Halliday, 1978).

Dentro dessa perspectiva, é também necessário levar em conta as palavras de Marcuschi (2002) sobre a necessidade de incluir análises etnográficas no estudo das comunicações no meio virtual, devido à influência do contexto sobre os gêneros textuais. O autor sugere que sejam observados elementos como o propósito comunicativo do discurso; a natureza da comunidade discursiva; as regularidades de forma e conteúdo da comunicação, expectativas subjacentes e convenções; e as propriedades das situações recorrentes em que o gênero é empregado, incluindo as forças institucionais, tecnológicas e sociais que dão origem às regularidades do discurso, como também sugere Erickson (1997) em seu estudo.

3.4 Resumo

Neste capítulo abordei a linguagem no processo de comunicação entre os indivíduos, focando especialmente o fórum de discussão. Primeiramente, embasei minha interpretação da relação entre linguagem e comunicação em Vygotsky (1984). Em seguida, lancei mão dos estudos teóricos de Jakobson (1969) e Halliday (1989) sobre as funções da linguagem. Abordei também o papel do contexto na interpretação dos enunciados, bem como a utilização do fluxo de tópico para a compreensão do processo de construção de conhecimento. Para tanto, baseei-me nos estudos de Brown & Yule (1983) e Chimombo & Roseberry (1998). Quanto à discussão sobre o fórum como meio de comunicação, remeti a Hymes (1972), Gumperz (1982) e Goffman (1974, 1983) no que tange à etnografia da comunicação e à análise sociointeracional do discurso. Finalmente, utilizando fundamentação teórica de Kress (1989), Swales (1990), Bhatia (1993) e Erickson (1997) sobre os estudos do gênero, e baseando-me nas pesquisas de Chafe (1984), Biber (1988) e Halliday (1989) sobre oralidade e escrita, levantei a possibilidade do fórum constituir-se em um gênero discursivo específico.